

COLETÂNEA DE TEXTOS DE
ALUNOS DE UBERABA-MG

Vozes do medo

Investigadores Literários



MELINA DE PAULO
(ORGANIZADORA)

Agradecimentos

“A gratidão é a memória do coração.”
Antístenes (440 - 365 a.C.)

É com imensa alegria que chegamos à realização desta edição especial, o **Vozes do Medo**, resultado de uma das etapas do projeto de leitura “Investigadores Literários”, idealizado para alunos dos anos finais do ensino fundamental e desenvolvido no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, no período entre março de 2019 e março de 2021. Trata-se de uma coletânea com contos de terror produzidos por nossos educandos durante o processo.

A concretização de um projeto com esta natureza não se deve apenas aos seus autores, mas antes, a todos aqueles que de forma direta ou indireta se envolveram. Foi enorme e constante a partilha. Partilharam-se dúvidas, incertezas, conquistas e muitas, muitas aprendizagens.

Mas a vida é feita de desafios e obstáculos que precisamos superar. E, neste caminho, é necessário ter parceiros que acreditem no desafio e na capacidade de sairmos vitoriosos no desejo de trazermos conhecimento. Quando se reúne uma equipe competente, é quase certo que os frutos valerão a pena ser colhidos. Gostaríamos de agradecer com especial carinho a todos aqueles que estiveram ao nosso lado na concretização deste sonho.



Sumário

- 04** A CAVENA DAS SOMBRAS
Luís Gustavo de Araújo Andrade
- 07** AQUELE 09 DE MARÇO
Livia Silvério de Sousa
- 13** A CAVERNA DOS RITUAIS
Bianca Aparecida Andrade Silva
- 15** CEMITÉRIO ASSOMBRADO
Andrei Amasilio Seabra
Filipe Lopes Nobre Freitas
Davi Gabriel Ramalho de Faria
- 16** EU SOU SEU MAIOR PESADELO
Emilly Teixeira Brito
Ana Clara Ribeiro Maia
- 18** HORAS MORTAIS
Juniel Teixeira Lopes
- 20** O CARRO
Miguel Machado do Nascimento
- 21** O CASO 44
Rafaela Passarelli Aquino de Oliveira
- 24** O VELHO CASARÃO NO FINAL DA RUA
Natacha Gabriela Lemos de Deus
- 26** O MISTERIOSO ASSASSINATO DE SEVERO
Marcela Yuria Shitara
- 31** A CANÇÃO
Melina de Paulo

A CAVERNA DAS SOMBRAS

Luiz Gustavo de Araujo Andrade

Em 1980, na cidade de Akranes, na Islândia, havia um grupo de exploradores chamado CaveExPloration. Eles eram aficionados por cavernas e exploravam inúmeras delas, porém, mesmo sendo destemidos e experientes, nunca tiveram coragem de visitar a ilha de gelo, chamada Vatnajokull. Você deve estar se perguntando o que tem nessa ilha. Lá, encontramos a maior e mais misteriosa caverna da Islândia!

O tempo foi passando e, embalados pelo mistério, os exploradores decidiram enfrentar o desafio de visitar essa ilha e descobrir mais sobre a caverna. Como eram nativos da Islândia, tiveram facilidade de acesso à ilha. No entanto, não sabiam que lá era uma caverna amaldiçoada, pois ninguém que entrava, voltava de lá. Mas não sabendo disso, o grupo entrou.

A caverna era escura e grande, rodeada por uma massa densa e acinzentada que pareciam sombras se movimentando, por isso, a caverna recebeu esse apelido. Essas sombras fizeram com que os exploradores perdessem os sentidos. Em questão de segundos respirando aquele ar, eles desmaiaram e nunca mais foram vistos. As famílias ficaram desesperadas e essa tragédia misteriosa deixou duas crianças órfãs.

Anos e anos se passaram, a lenda sobre a caverna aumentava e os turistas também. A pequena ilha de 1980, se tornou uma cidade cheia de atrações. Foi então que chegaram, na cidade, dois jovens: um deles era o grande investigador Dymitry e seu amigo explorador Vincent. Os dois juntos eram uma grande dupla de curiosos.

Dymitry fora investigar o grande mistério por trás dos desaparecimentos ocorridos e Vincent foi ver as atrações encantadoras da ilha e ajudar o amigo a desvendar mais um crime. Em poucas horas, conversando com moradores mais antigos, Dymitry descobrira detalhes sobre o que acontecera naquela pequena ilha há cerca de 30 anos. E soube também que ali havia um cientista também tinha desaparecido. Seu nome era Jack Stanp, um homem de 35 anos, muito magro e alto. O rumor era de que ele havia morrido pela idade.

O jovem astuto quis saber mais sobre a figura incomum. E descobriu que Stanp era um cientista genial muito cruel e fascinado pelo cérebro humano. Os antigos moradores contaram que ele criava substâncias para alterar os sentidos e fazer com que

o cérebro adormecesse por horas. Apesar de tamanha insanidade mental, de hábitos estranhos e suspeitos, era um homem muito saudável, não havia nenhum motivo para morrer tão novo e por causas naturais, conforme relataram.

Sua morte tornou-se um mistério. Como a ilha era relativamente pequena, todos se conheciam e um fato importante chamou atenção do jovem investigador... Ele fora enterrado às pressas, e não fora permitida a abertura do caixão para o tradicional velório. De posse dessa informação, o jovem Dymitry voltou para o hotel pensando nisso e tomou uma decisão inusitada: investigaria mais sobre o caso.

Logo pela manhã, Dymitry se levanta e vai atrás do coveiro da cidade e pede um favor tanto quanto incomum: conferir o túmulo do velho Stanp. O coveiro abre o túmulo e eles têm uma grande surpresa, pois não há nada dentro da tumba, nem ossos nem um corpo, apenas o vento. Pelo tempo decorrido, esperava-se pelo menos a ossada, seus restos mortais não iriam desaparecer, se decompor tão rápido. Surpreso, Kurosawa resolveu fechar o túmulo e pede ao coveiro que mantivesse sigilo sobre o caso.

Rapidamente, o investigador se dirige até o hotel, onde estava hospedado, para conversar com o amigo sobre o ocorrido. Mas para a sua surpresa, ele não o encontrou. De forma apressada, saiu em sua busca pelas redondezas, nas atrações mais próximas, e nada do amigo. Foi então que se lembrou do único lugar que Vincent ainda não tinha visitado: a temida caverna, Vatnajokull.

O jovem rapidamente elabora um plano para descobrir o segredo dos sumiços. Afinal, ele já tinha um suspeito em mente, só precisava descobrir o que motivava o sumiço e como ele encontraria o amigo.

Primeiramente, ele precisava de uma isca. No caso, já tinha: seu amigo Vincent, que era um homem forte, alto e muito experiente na área de explorações. Para dar continuidade, faltava o último e mais importante passo: descobrir um antídoto para a possível substância de Stanp. Caso suas suspeitas se confirmassem ao entrar na caverna, seu plano só funcionaria se tivesse em mãos o antídoto.

Dymitry correu para o antigo laboratório de Jack, viu os frascos de remédios e suas substâncias tóxicas e não tóxicas, analisou cada uma delas e suas propriedades. Era um excelente aluno de química, o que facilitou bastante a compreensão dos escritos de uma velha caderneta empoeirada com anotações. As anotações seguiam uma sequência enigmática, foram necessárias várias combinações para chegar até o antídoto. O jovem

INVESTIGADORES LITERÁRIOS

investigador lembrou-se de um dos conselhos de seu ídolo da literatura de investigação, Sherlock Holmes, que dizia: “O mundo está cheio de coisas óbvias que ninguém jamais observa”. E assim, pelo óbvio desvendou o enigma da caderneta.

Imediatamente, procurou uma farmácia e adquiriu as substâncias indicadas. Ao voltar para o velho laboratório, seguiu as instruções escondidas por códigos e manipulou com sucesso a salvação para o seu fiel companheiro. Colocou o frasco em sua mochila e, apressadamente, partiu para a Vatnajokull.

Ao entrar na caverna, o investigador descobriu que havia um fundo falso de onde disparadores soltavam um vapor (certamente, o veneno tranquilizante). Suas hipóteses se confirmaram e era hora de colocar o resto do plano em ação. Ao longe, Dymitry avistou o seu amigo desmaiado, o que obviamente era uma armadilha, e decidiu não seguir pelo caminho, resolveu dar a volta e, claro, aplicar o antídoto antes em si.

Ao adentrar a caverna pela entrada dos fundos, encontrou um velho alto e magro com pele pálida rodeado de ossos e cadáveres. Ao vê-lo, o senhor agilmente apontou-lhe uma arma. Dymitry, paralisado, levantou as mãos e se rendeu, porém, o que Stanp não percebeu foi que o jovem, antes de entrar pela tal passagem, havia injetado o antídoto em Vincent.

O amigo, até então prisioneiro, ao recuperar os sentidos, foi com toda raiva para cima de Jack que acabou caindo da Vatnajokull e morrendo. O mistério foi resolvido, não haveria mais um cientista louco manipulando substâncias e sequestrando visitantes, não haveria mais mortes e, enfim, depois de 30 anos, o sumiço e o assassinato de tantas pessoas tinham sido desvendados, inclusive a morte dos pais de Vincent e Dymitry, as duas crianças órfãs.

Os jovens conseguiram vingar seus pais e impedir novos assassinatos, porém fica a dúvida, foi por justiça? Será? A fórmula nunca mais fora encontrada, tampouco o antídoto. Quem, verdadeiramente, é vilão? Os jovens ou o cientista? Quais razões levaram o cientista a cometer tais atrocidades? Dúvidas ainda pairam no ar daquela pequena ilha. Vincent e Dymitry nunca mais foram vistos, o que deu início a um novo mistério.



AQUELE 09 DE MARÇO

Livia Silvério de Sousa

Tudo começou na noite de 09 de março, quando resolvi dar uma volta no shopping, depois de ir ao cinema para ver o novo filme de terror que tinha saído naquele mesmo dia. Na hora de comprar o ingresso, encontrei Daphiny e sua mãe. Como já estava atrasada para o filme, cumprimentei-as rapidamente e fui para sala de cinema. Os anúncios já tinham terminado e o filme já tinha começado, então sentei logo em meu lugar.

O filme era bem interessante e aterrorizante, mas ele foi interrompido pelo grito assustador de uma mulher. Por coincidência, era a mãe de Daphiny, que saiu correndo desesperadamente falando que sua filha tinha desaparecido.

Tudo aconteceu tão rapidamente, que ninguém entendeu muito bem o que estava acontecendo. Várias pessoas começaram a comentar que, talvez, por ser um filme de terror, as duas tivessem combinado de fazer uma brincadeira com todos que estavam no cinema. Quando o silêncio dominou novamente a sala, voltamos nossa atenção para a tela.

Na saída do cinema, não houve nenhum comentário sobre o desaparecimento de Daphiny. Assim, me convenci de que aquilo tudo era realmente uma brincadeira.

No caminho de casa, quando estava passando em um beco escuro, vi que as duas, Daphiny e sua mãe, estavam sendo abordadas por uma coisa que tinha o corpo humano, porém com muitos pelos. A fera ainda tinha garras enormes e um rosto totalmente desfigurado. Elas estavam muito assustadas e, àquela altura, ainda que soubesse que o melhor a fazer seria pedir ajudar, eu paralisei e, rapidamente, me escondi. Atrás de uma grande lixeira, fiquei observando de longe aquela cena grotesca.

De repente, quando menos esperava, vi uma nova criatura (ainda mais feia) surgindo. Segundos antes da fera se aproximar, Daphiny acabou vendo um carro que passou em outra rua e logo começou a gritar pedindo por ajuda. Mas esse foi seu grande erro, pois aquelas coisas se irritaram com o grito e acabaram cortando as gargantas da mãe e filha, que caíram no chão já mortas. A cena do assassinato foi horrível! Senti muita vontade de gritar, mas estava com muito medo de ser a próxima vítima.

Sem um pingo de hesitação, as criaturas foram embora e deixaram os dois cadáveres caídos no meio do beco. Para evitar seu campo de visão, me agachei ao máximo e virei meu rosto para a outra direção.

Ao sentir que não estava mais em perigo, ao olhar novamente para o local dos assassinatos, os corpos estavam em pé. Mãe e filha tinham se tornado criaturas com dentes enormes e assustadores! Elas se levantaram e seguiram na mesma direção dos outros monstros. Mas ao contrário das outras criaturas, ao passar pelo meu esconderijo, elas começaram a farejar algo. Neste momento, eu tive certeza de que aquele seria o meu fim. Elas estavam caminhando lentamente em minha direção, enquanto eu sentia minha respiração ofegante e ouvia cada batida do meu coração.

Ainda que estivesse aterrorizada, corri o mais rápido que pude e consegui escapar por pouco. Pelo menos, eu achava que tinha escapado.

Ao chegar em casa, tranquei todas as portas e janelas e fui correndo para meu quarto. Em minha cabeça, eu ficava revivendo cada segundo daquela terrível cena. As lembranças eram muito perturbadoras!

Passei a noite inteira em claro, apavorada com tudo o que poderia acontecer comigo ali, sozinha naquele casarão. Fiquei pensando como poderia contar isso para alguém. Afinal, com certeza, ninguém acreditaria em mim! A agonia permaneceu até que eu consegui visualizar os primeiros raios do dia. Quando amanheceu, senti um enorme alívio. Depois de refletir por toda a noite, resolvi que deveria contar tudo aquilo que tinha presenciado. Alguém iria acreditar em mim!

No caminho para a escola, percebi que muitas pessoas estavam comentando sobre o desaparecimento de Daphiny e sua. Eu já não poderia mais guardar o que tinha visto só para mim. Ainda distraída, envolvida em meus pensamentos, esbarrei sem querer em um menino da escola.

Pedro era um menino muito calado, excluído de todos os grupos da escola, pois ele afirmava que via monstros. Só então me toquei de que ele era a pessoa perfeita para compartilhar o meu segredo. E foi exatamente o que fiz. Para minha surpresa, o garoto me ouviu atentamente e acreditou em cada palavra.

Ao chegar na escola, ele disse que precisávamos nos encontrar depois da aula, pois ele queria me mostrar uma coisa. Dominada pela curiosidade, superei todo o medo

e aceitei. Pedro me levou para uma casa abandonada e acho que ele esperava que eu entendesse o motivo por estar ali. Porém, eu não fazia a menor ideia!

A casa estava dominada por aranhas, baratas, ratos e muita poeira. Sentamos em um sofá que estava no meio da sala e ele me explicou que estava investigando rastros dos monstros que tinha visto. Aquela velha casa abandonada era seu lugar de pesquisa. Perguntei a ele como eram os monstros que ele tinha visto e por que ele tinha acreditado em mim tão facilmente. Pedro calmamente me explicou que as criaturas avistadas por ele eram exatamente iguais àquelas que eu tinha descrito. Assim, naquele momento, ele teve certeza de que eu estava falando a verdade e que algo precisava ser feito com urgência. Ele me mostrou toda a sua pesquisa, guardada em uma caixa lotada de papéis. Manchetes de jornais antigos (para ser mais exata, do ano de 1912) descreviam criaturas semelhantes àquelas que tínhamos visto.

No meio de toda aquela explicação, ao olhar para baixo, vi algumas pegadas grandes que marcavam o chão empoeirado. Só com o olhar, comecei a seguir cada passo daquela trilha. Ao perceber que as pegadas terminavam em um quarto, corri e vi que a porta estava trancada. Pensei seriamente sobre a possibilidade de arrombar aquela porta. Um lado meu gritava que eu era apenas uma menina de 14 anos. Mas, o meu instinto não deixava dúvidas: eu precisava descobrir o que tinha ali.

Com a mão suada, forcei a fechadura que acabou cedendo. O cheiro horrível invadiu minhas narinas antes mesmo que meus olhos pudessem se acostumar com a escuridão e me fizessem perceber que uma horrenda criatura estava morta ali no chão. Pelo seu estado, o corpo estava ali há muito tempo.

Neste momento, Pedro já está ao meu lado. Dando alguns passos para trás, ainda muito assustada, liberei espaço para que ele também pudesse avaliar a situação. Gesticulando, pedi a ele para que a gente saísse logo dali, mas o pivete me ignorou. Já estava quase em cima do corpo, viu algumas letras na cintura do monstro: ΛΥΚΟΣ.

Ele voa para a sala e, ofegante, pega um livro. Exasperado, dizia que aquela palavra vinha do grego e que significava lobo. Neste instante, peguei a sua mão e fomos correndo em direção à porta, que agora estava trancada! Ainda me perguntando se aquele seria o nosso fim, descemos até o porão, onde Pedro pegou um taco de baseball e bateu na janela na tentativa de quebrá-la. O vidro é duro e não cede. Retiro o taco de suas mãos e peço para que ele se afaste. Vejo que todas as aulas de boxe não foram em

vão, quando quebro o vidro de uma vez só. Pedro puxou um banco para próximo da janela e rapidamente saltou para fora da casa. Ele me espera do lado de fora, mas, em meu desajeitado salto, acabo cortando minha perna. Caio acidentalmente nos braços dele e nossos olhos se encontram. Em um mix de adrenalina e surpresa, vejo que o sangue escorre sujando minha meia branca.

Pedro se oferece para me levar até em casa, mas eu digo que não é necessário. Eu quero que ele veja o quanto sou durona. Meu plano vai por água abaixo quando, logo em seguida, acabo tropeçando em uma pedra e bato meu rosto no passeio. Mesmo no chão, imploro para que ele não venha me ajudar. Não quero que ele veja essa humilhação. Mas o garoto ignora meus pedidos e vamos juntos em direção da minha casa. Desta vez, não recusei.

Quando chegamos, Pedro me oferece ajuda com o curativo e eu aceito. Não tenho mesmo habilidades manuais. Pedro é rápido na missão e, em poucos minutos, me vejo novamente sozinha em casa.

Tomo banho, deito em minha cama e passo mais uma noite sem dormir. Fico lembrando daquela cena, do corpo, da mensagem enigmática e... do Pedro? Não, não, não e não! Eu me recuso a pensar em Pedro. Naquele momento, as prioridades são outras! Olhando pela janela, enrolada no edredom até no pescoço, fico observando a linda lua cheia que ilumina o céu estrelado. Mas, meus pensamentos são interrompidos por barulhos parecidos com uivos. Pego rapidamente meu telefone e, antes que pudesse perguntar qualquer coisa, Pedro quer saber se eu também consigo ouvir aquilo. Antes de desligar, ele pede para que nos encontremos na casa abandonada.

Pedro já está a minha espera quando meu aproximo do local. Sorrateiramente, nos direcionamos para a janela do porão, aquela mesma que quebramos. Quando olhamos para dentro do porão, dezenas daquelas aberrações estavam ali, gesticulando e fazendo barulhos como se estivessem conversando. Comecei a sentir muitos calafrios ao identificar algumas palavras naqueles gemidos. O medo estava quase me dominando, mas tentei não demonstrar isso. Eu só pensava sobre o que nós poderíamos fazer naquela situação.

Pedro não demorou a ter uma a brilhante ideia: precisávamos dar um jeito de estudar o corpo daquele lobisomem que tínhamos encontrado mais cedo. Naquele

momento, acho que posso chamá-los assim. Afinal, aqueles humanoides possuíam garras e pelos como lobos.

Aterrorizados, entramos na casa e fomos em direção ao cadáver. Peguei as pernas, enquanto Pedro segurava firme pelos seus braços. Estávamos quase do lado de fora, quando, de repente, meu celular começa a tocar. O barulho desperta a atenção dos lobisomens. Ouço passos na escada do porão, mas não olho para trás. Estamos correndo desesperadamente quando um deles nos alcança e provoca um corte profundo nas costas de Pedro. Seguro firme a sua mão e continuamos correndo e correndo, ouvindo os grunhidos se afastando cada vez mais.

Já em minha casa, levo Pedro até a cozinha e digo a ele que temos que ir até o hospital. Aquele teimoso nega veementemente enquanto me entrega um frasco de remédio e um livro aberto na página de número 78. Sigo todas as instruções do “Feitiço de Cura” e passo o remédio rapidamente em sua ferida. Pedro solta um grito muito alto e desmaia. Desesperada, começo a chamá-lo, mas ele só desperta depois de longos e temíveis segundos.

Algum tempo depois, já mais firme, Pedro consegue me contar sobre como o livro e o remédio impediram que ele também se tornasse um lobisomem. Ele ainda me explicou que, quando Daphiny e sua mãe foram arranhadas no pescoço, uma substância fez com que elas se transformassem naquelas criaturas.

No início de suas pesquisas, Pedro teria ficado encantado com aquela velha casa abandonada. Ao entrar, encontrou um livro de feitiços que tinha a receita desse antídoto que ele guardava por precaução. Porém, nem em seus piores pesadelos, imaginou que a receita um dia fosse necessária e que ela realmente funcionasse!

Naquele momento, foi a minha vez de ter uma grande ideia! Se nós sabíamos onde estavam os lobisomens e tínhamos o antídoto, por que não tentar usar essa receita com eles?! Nem precisei argumentar, Pedro já estava animado para embarcar naquela missão. Porém, ainda tínhamos que arrumar um jeito dar os remédios para os lobisomens, o que não seria nada fácil.

A noite foi pouco produtiva. Pensamos muito, mas, ao amanhecer, ainda não tínhamos um plano de ação. Pedro foi para casa, mas eu ainda precisava descobrir um jeito de chegar até aqueles monstros. Preparei um lanche, pois sabia que uma bela

refeição poderia me inspirar. E não demorou nadinha para que eu pudesse perceber que aquela era a solução: comida!

Mandei uma mensagem para o Pedro contanto a minha ideia e pedindo para que ele me encontrasse antes do início das aulas.

Como combinado, assim que nos encontramos, expliquei todo o meu plano. A ideia era colocar o remédio em pedaços de carnes e jogar pela janela do porão da casa. A preparação aconteceria logo após a aula.

Eu estava muito feliz por finalmente resolver o problema. Pedro também parecia confiante e feliz durante a nossa preparação.

Já na velha casa, os lobisomens estavam exatamente como tínhamos visto na noite anterior. Concordando com a cabeça, não esperamos mais nenhum minuto e jogamos as carnes pela janela. Famintos, toda a matilha comia euforicamente até que começaram a cair no chão. Aliviados, pensamos que o pesadelo tinha acabado até que começamos a ver que não havia mais lobisomens. Rostos conhecidos começaram a surgir, pessoas dadas como mortas ou desaparecidas há muitos anos.

Desesperados, acreditando ter matado dezenas de pessoas, ficamos em choque quando Daphiny, um dos corpos lá no meio, levantou e perguntou o que estava acontecendo. Logo após sua pergunta, olhando aquele amontoado de gente, vimos que, um a um, eles começaram a se levantar. Para nossa felicidade, nós não tínhamos matado ninguém!

Depois de um tempo, ainda meio confusas, as pessoas que ali estavam começaram a conversar sobre como aquilo tinham acontecido com elas. Com vagas memórias, todas as histórias tinham um ponto em comum: todos lembravam de vários outros lobisomens e que se sentiam como em um sono muito profundo. Nenhum deles queria matar nem transformar pessoas, mas eles seguiam o instinto, era como se uma força os obrigasse. Descobrimos enquanto que existem várias outras criaturas à solta, pessoas presas em corpos de lobisomem fazendo cada vez mais vítimas.

Mas Pedro e eu éramos, agora, uma dupla. E enquanto houver mais criaturas como essas, nós não descansaremos. Salvar essas pessoas tornou-se a nossa missão!



A CAVERNA DOS RITUAIS

Bianca Aparecida Andrade Silva

No dia 12/11/2020, um grupo de amigos revolveu fazer uma excursão para que pudessem conhecer uma caverna lá no interior do Rio de Janeiro. Porém, há muitos anos, ninguém entrava lá, pois os boatos diziam que aquele era um lugar mal-assombrado. João, Ana, Gustavo, Miguel e Jesus resolveram se aventurar para investigar a tal história.

Os amigos demoraram horas até chegar à caverna. Quando finalmente avistaram o local, tiraram várias fotos. Toda a aventura seria documentada em fotos, vídeos e depoimentos. Eles permaneceram na incrível caverna por, pelo menos, três horas.

Quando decidiram ir embora, muita água começou a minar das paredes. Ainda que fosse algo estranho, eles não acharam que aquilo era algo incomum. Porém, quando já estavam quase na saída, várias pedras caíram na passagem. Eles ficaram desesperados em busca de uma saída, mas, infelizmente, estava muito escuro. A bateria das lanternas já estava no fim e eles avaliaram que só teriam água potável para dois dias.

Os jovens estavam buscando uma solução para aquela difícil situação, quando Gustavo começou a ficar estranho e, do nada, desapareceu. No momento em que os jovens finalmente localizaram o amigo, ele estava com os olhos pretos e com o corpo totalmente coberto por sangue. Ele parecia possuído por alguma força maligna, pois, assim que a turma se aproximou, ele pegou Miguel pelo pescoço e tentou enforcá-lo. Todos ficaram desesperados e, infelizmente, se separaram.

No meio de toda aquela confusão, Joao e Ana acharam um cofre aberto com um livro dentro dele. O livro trazia vários rituais e alguns depoimentos de outras pessoas que também estiveram por ali. Em uma das declarações, lia-se o seguinte: “Há cinco anos, Mariana, uma jovem moça, mexia com rituais satânicos dentro desta caverna. Um dia, ela conseguiu invocar um espírito com uma forma maior, que, infelizmente, não conseguia controlar. Esse espírito se apossou do corpo da jovem e amaldiçoou todos aqueles que a acompanhavam. Todos morreram aqui, dentro dessa mesma caverna.”

João e Ana ficaram muito surpresos ao ler aquilo, mas agora conseguiam entender melhor o que estava acontecendo.

Enquanto isso, Jesus encontrou um pequeno altar com uma estrela, várias velas e imagens de Santos sem cabeça. Ele ficou horrorizado, mas tirou uma foto para o seu documentário. Após o flash, Gustavo surgiu bem atrás dele, mas, com sorte, ele conseguiu correr e se esconder em um canto remoto daquele lugar.

Porém, João e Ana não tiveram a mesma sorte. Ana ficou com a perna presa ao passar por pequeno buraco. O sangue escorria rapidamente, mesmo com o curativo providenciado por João. Miguel encontrou o casal e, sem pensar duas vezes, se prontificou a ajudá-los. Contudo, eles não esperavam que, de repente, Gustavo surgisse no meio da escuridão e matasse os três.

Enquanto isso, Jesus ainda procurava por seus amigos e também buscava uma brecha, uma saída pela qual pudessem escapar. O que Jesus não sabia, naquele momento, é que seus amigos estavam mortos.

Sem localizar ninguém, Jesus percorreu aquela escuridão por muito tempo até que, finalmente, acabou achando uma saída. Assim que viu a luz do dia, correu até a polícia para informá-los sobre o ocorrido.

As autoridades foram até a caverna e encontraram os corpos de Pedro, Ana, Miguel. Não havia ali nenhum sinal de Gustavo.

Após três dias de incansáveis buscas, os policiais imaginaram que já não haveria chances para que Gustavo ainda estivesse vivo. E assim Jesus se torna o principal suspeito daquela terrível chacina. Após algum tempo, Jesus acabou sendo preso por um crime que não cometeu.

Anos se passaram e mais novos casos inexplicáveis continuaram acontecendo naquela região. Gustavo ainda está desaparecido e nunca chegaram a encontrar o livro com os rituais. Será que um dia este caso será solucionado?



CEMITÉRIO ASSOMBRADO

Andrei Amasilio Seabra

Filipe Lopes Nobre Freitas

Davi Gabriel Ramalho de Faria

Tudo começou quando, em uma cidade perigosa, um grupo de bandidos estava planejando roubar o maior cofre da cidade. O plano era relativamente simples: sequestrariam um carro forte. Assim, durante a fuga, um dos bandidos ficaria responsável por dirigir enquanto outros três ficariam responsáveis por roubar o dinheiro. O grande diferencial daquele grupo seria que, logo em seguida, eles enterrariam a fortuna em algum túmulo do cemitério mais assombrado da cidade.

Na noite do crime, tudo estava ocorrendo conforme o planejado. Até que, na hora da fuga, eles perceberam que alguns policiais estavam perseguindo o veículo. Quase perto do cemitério, algo inusitado ocorreu: o motorista perdeu o controle e bateu na grade do cemitério. O motorista morreu na hora. Os outros fugitivos rapidamente pegaram o dinheiro para que pudessem seguir com o planejado.

Porém, ao entrar no cemitério, eles perceberam uma energia ruim perto dos túmulos, algo de errado estava para acontecer.

Na hora da busca, os policiais não acharam nenhum vestígio, nenhuma pegada, nenhuma suspeita e nenhuma evidência. Os fugitivos simplesmente desapareceram no ar, sumiram juntamente com o dinheiro.

Ainda que vários corajosos tenham tentado localizar o tesouro, reza lenda que, quem entra nesse cemitério para procurar o dinheiro perdido, assim como os bandidos, nunca mais é visto. Naquele velho cemitério, os gananciosos desaparecem de vez!



EU SOU SEU MAIOR PESADELO

Emilly Teixeira Brito

Ana Clara Ribeiro Maia

Tudo começou quando três amigas, durante a noite, resolveram andar pela cidade a procura de novidades.

No meio do caminho, as garotas encontram um parque de diversões que, aparentemente, ninguém visitava há um bom tempo. Por estarem distantes da cidade, que era bem pequena, resolveram procurar por mais coisas, como objetos ou datas de quando aquele parque tinha sido abandonado. Durante aquela noite, encontraram vários materiais antigos que não davam nenhuma pista do que havia ocorrido para o parque ter chegado até aquele estado.

E assim, em todos os dias em que não estavam ocupadas, as meninas continuaram a investigação. Eles se encontravam naquele portão pontualmente às 17h.

Certo dia, já estavam cansadas de procurar, Nancy viu algo brilhando no chão. Ela então levantou e se aproximou. Percebeu que aquilo era um anel, mas duvidava no que seus olhos viam, pois o objeto não estava enferrujado e nem muito sujo. Aquilo indicava que elas não eram as únicas que conheciam aquele local.

Quando Nancy mostrou o anel para Jennifer, ela ficou vidrada! Bethany se aproximou e perguntou se elas sabiam quem era o dono daquela joia. Estranhamente, logo em seguida, Jennifer falou precisava ir embora. Suas amigas suspeitaram daquele comportamento e resolveram investigar o que estava acontecendo, nada fazia sentido.

Depois daquele dia, Jennifer não se encontrou com suas amigas.

Alguns dias depois, Bethany e Nancy receberam uma ligação anônima, registrada apenas como “eu sou seu maior pesadelo”, que dizia:

– Eu sei o que está acontecendo com a amiga de vocês!

Essas ligações duraram dias e continuaram trazendo angústia e medo para as meninas. Elas não entendiam o que estava acontecendo.

Duas semanas depois, ainda atormentadas pelas ligações, elas encontraram Jennifer chorando no banheiro da escola e perguntaram o que estava acontecendo. E, ainda que ela tivesse dito que não queria falar sobre o ocorrido, suas amigas insistiram tanto que Jennifer perdeu a paciência e acabou falando que tinha recebido uma ligação.

Quando saíram da escola e foram procurar por Jennifer novamente, elas não a encontraram. Então, resolveram ir até o parque para procurar por mais pistas do anel.

Chegando lá, logo as meninas avistaram o corpo de Jennifer no mesmo local em que tinham achado a joia sem dono dias atrás. Desesperadas, perceberam que, no local, havia uma frase escrita com sangue no corpo de sua amiga: “Eu sou seu maior pesadelo.”.

Em choque, Bethany e Nancy pegaram a mochila de Jennifer e foram embora correndo. Ela tentou encontrar o celular da amiga, mas, infelizmente, ele não estava mais lá. A única coisa que havia dentro da bolsa era o diário de Jennifer, iniciado dias após a primeira visita ao parque.

Durante a leitura, o que mais assustou as meninas foi uma descrição de Jennifer em que ela relatava que tinha visto um homem carregando um corpo. Ela observou que havia um anel no dedo da vítima. A cada página que lia, novas respostas apareciam e, por fim, a mais temida: Jennifer escreveu que um *serial killer* chamado John, mais conhecido como Gorro Negro, era quem fazia as ligações anônimas. Era ele o responsável pelos terríveis assassinatos dos chamados “pecadores” da pequena cidade de Kentuphy. Aquele tinha sido o seu maior pesadelo: identificar o inescrupuloso assassino que acabou tirando também a sua vida.



HORAS MORTAIS

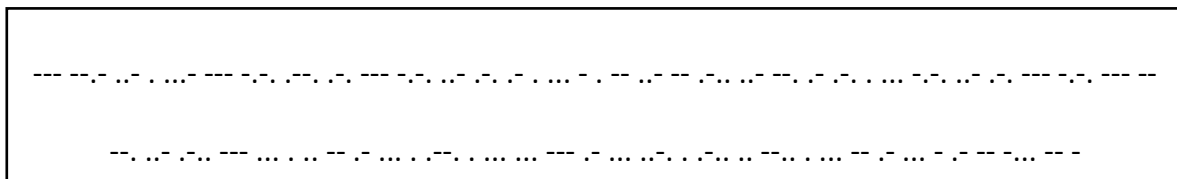
Juniel Teixeira Lopes

Killen, uma cidade no interior do Texas, é um lugar muito tranquila onde todos os cidadãos se conhecem. Mas a pacata realidade mudou com o primeiro desaparecimento, que aconteceu de forma inesperada.

Um rapaz de 25 anos chamado Andrew Rogers teve uma discussão com seu irmão mais novo, James Rogers, de 20 anos. Ele então decidiu sair para esfriar a cabeça, foi até o parque da cidade, que se encontrava vazio no momento. Sempre que brigavam, Andrew Rogers dizia à sua mãe, Carla Rogers, que estava indo ao parque de sua cidade para dar uma resfriada na mente e rapidamente voltava. Porém, naquela noite de sexta-feira 13, após a discussão com seu irmão, ele não retornou.

Quando chegou ao local, ele se sentou em um banco e ficou pensando por qual motivo tinha brigado com seu irmão. Andrew decidiu voltar para que pudessem resolver a situação, mas, antes que ele pudesse sair do parque, viu um homem magro, com pouco mais de 1,80m de altura. Do nada, essa pessoa pronunciou apenas uma palavra: “VIDA”. Logo em seguida, o menino desapareceu no ar.

Como não havia chegado em casa, a polícia foi chamada e levada até o local em que, aparentemente, havia ocorrido o desaparecimento. Após observar muito, o policial achou apenas duas coisas: um relógio marcando 00h e um bilhete em que se via uma espécie de código...



O código foi analisado, o relógio averiguado, mas nada havido sido decifrado. James Rogers dizia conhecer aquele relógio. Dizia que ele tinha sido entregue de brinde a todos os mecânicos que concluíram o curso em sua cidade.

Mas, naquele mesmo momento, Andrew encarava uma situação muito difícil...

Após sair do parque, assustado, foi para um local onde havia pessoas felizes e sorridentes, mas também havia pessoas tristes e chorando. O que ele não sabia mesmo era que o cara estranho ainda o seguia.

Após chegar próximo ao destino, Andrew estacionou o carro em um local público e caminhou em direção ao local em que desejava chegar. Ele entrou, comprou algumas guloseimas e participou de um espetáculo, que o permitiu esquecer um pouco a briga e limpar a mente.

Na saída, por volta de meia noite, recordou-se de uma frase que seu pai sempre dizia: “Filho, viva os momentos com intensidade, como se não houvesse o amanhã”. Com isso, ele decidiu passar a noite na casa de sua namorada, que morava na cidade vizinha. Já em seu carro, seguiu na direção a casa da namorada pensando sobre a frase seu pai, há duas semanas.

O que Andrew não esperava, era que, de forma acidental e furtiva, estava deixando pequenos rastros de sua futura catástrofe... Rapidamente, Andrew Rogers tenta fazer um desvio, quando percebe que o freio foi cortado. O acidente foi brutal!

Após duas semanas sem notícias do rapaz, o cadáver foi encontrado na beira de uma rodovia, embaixo dos destroços do veículo. A trilha de gasolina foi seguida corretamente sem nenhuma pista sobre o culpado. Os entes mais próximos da vítima compareceram ao local e, apesar dos olhos surpresos e prestes a lacrimejar, ninguém disse nada.

O mais triste foi que o acidente de Andrew não foi o único.

Após algum tempo, após uma crise pela perda do filho, Carla Rogers entra em profunda depressão. A pobre mãe faleceu um mês após a morte de seu filho; aparentemente, intoxicação alimentar.

O tempo naquela pequena cidade pacata passou.

Um ano depois, James estava sentado com um rapaz alto e magro. Ele dizia que o plano tinha sido um sucesso e que 30% dos lucros iriam para o sujeito. Após o acordo, o rapaz deixou a casa.

Tic tac, tic tac. Após aquele dia, James desapareceu e a casa foi alugada.



O CARRO

Miguel Machado do Nascimento

Naquela tarde de sexta feira, uma família tinha acabado de se mudar para uma velha casa que tinha ficado abandonada por trinta anos. Seu antigo dono tinha sido assassinado brutalmente naquele mesmo local, o que afastava compradores e até mesmo os familiares do antigo inquilino.

A noite estava fria e tudo estava indo muito bem, até que os novos proprietários da casa receberam uma ligação anônima por volta de meia noite. A pessoa que falava do outro lado da linha, com uma voz muito estranha, dizia que eles seriam os próximos.

No momento, a família ficou meio assustada. Mas, como era uma sexta-feira 13, os donos relevaram a ligação e continuaram aproveitando a noite.

Depois de um certo tempo, a família escutou um barulho estranho vindo da frente da casa e decidiram olhar o que estava acontecendo.

A princípio, eles só viram um carro parado em sua porta, mas acharam que não era nada demais. Quando escutaram barulho de passos no andar de baixo, o medo se instaurou e, quando foram olhar, viram uma pessoa com uma roupa toda preta. No mesmo momento, a coisa virou lentamente e encarou silenciosamente aquela assustada família.

Os vizinhos relataram ter ouvido alguns gritos naquela noite, mas nada que tivesse provocado algum tipo de preocupação. Fato é que um carro preto foi visto saindo pela entrada da frente da velha casa e a família nunca mais foi vista naquela região.



O CASO 44

Rafaela Passarelli Aquino de Oliveira

Em Massachusetts, na Califórnia, no ano de 1999, o caso 44 foi arquivado como mais um dos casos não solucionados. No dia 24 de abril, um jovem chamado Lucas saiu de casa para ir à escola e nunca mais voltou. Cinco anos depois, ele foi encontrado morto em uma casa abandonada no final da rua. Porém, é isso o que todos pensavam.

Meu nome é Roses e me mudei para cá em janeiro daquele mesmo ano. Durante este período, tive o desgosto de conhecê-lo. Aparentemente, um ótimo filho, nerd e maravilhoso jogador. Mas Lucas tem algo a mais a acrescentar nessa listinha, algo secreto que eu só viria a descobrir depois.

Quando me mudei, Maya foi a minha primeira e única amiga, aquela que ficou comigo a cada segundo de todos os dias. Ao contrário de mim, ela era extrovertida e popular, e, mesmo assim, ela nunca me deixou de lado. Mas tudo mudou quando conheci Lucas.

Assim, como uma folha cai de repente de uma árvore, Lucas surgiu na minha vida e eu fiquei louca por ele. Nós não nos desgrudávamos e andávamos sempre juntos.

No dia de seu desaparecimento, eu estava muito nervosa. O garoto havia me chamado para sair e aquele seria o nosso primeiro encontro. Então, pedi a Maya que me acompanhasse, porém escondida, longe da visão de todo mundo.

Acontece que Lucas era mais um dos idiotas que pulam de garota pra garota. Quando me contaram isso na escola, eu não acreditei. Mas, pelo jeito, no dia anterior, ele teria ficado com a namorada de um cara que ficou muito nervoso com a situação. E ele acabou encontrando Lucas justamente do dia do nosso encontro.

Estávamos em um restaurante no centro e Maya estava nos seguindo, observando todos os nossos movimentos de longe. Depois do restaurante e do cinema, Lucas me chamou para ir até a sua casa, no final da rua. Eu, apaixonada que estava, não pestanejei, aceitei o convite na hora!

Maya estava nos seguindo e tive a impressão que, naquele dia, havia mais alguém nos acompanhando também. Quando chegamos, vi que era uma casa abandonada e ele não morava lá. De repente, tudo ficou preto e, ainda que eu não enxergasse nada, eu conseguia escutar tudo.

Ouvi duas pessoas entrando e barulhos de briga. Bem baixinho, ouvi a voz suave de Maya bem perto de mim. Depois de um tempo, escuto uma voz nada familiar, uma voz grossa que grita que ele a tinha matado e que agora iria fazer o mesmo com sua amiga doida. Ainda em choque, logo em seguida, ouço o barulho de uma tábua bater forte em algo e, a partir daí, não escutei mais nada.

Quando percebi, eu estava lá novamente, mas sentia que tinha permanecido desacordada por algum tempo. Logo que consegui abrir meus olhos, vi Maya inconsciente caída no chão. Também havia um outro garoto morto ao meu lado. Quando olhei para mim mesma, eu me vi... Eu... Eu... Eu me vi deitada, com a barriga aberta, morta! E, para piorar, vi Maya acordar. Ela correu na direção do meu corpo e chorava muito em cima de mim. Naquele momento, eu a senti! Ela não me via e nem escutava meu coração, mas eu a via! Lucas não estava mais por ali.

Maya ficou diferente rapidamente. Com uma velha faca nas mãos, encontrada na cozinha daquele velho casarão, silenciosamente, ela sobe uma escada que dava no porão e lá estava Lucas. De costas, ele fazia algum tipo de ritual com os meus órgãos. Minha fiel amiga tinha um olhar distante, muito diferente do seu doce olhar que me era tão familiar. Pé por pé, ela conseguiu chegar até Lucas sem que ele percebesse e, rapidamente, desferiu, no mínimo, vinte facadas. Eu e Maya vimos o garoto morrer devagar.

Quando Lucas inspirou pela última vez, Maya tomou consciência de toda a terrível situação e, imediatamente, começou a chorar. Tentei acalmá-la, mas ela não conseguia me ver.

Depois de um tempo, ela desceu as escadas e pegou meu corpo. Em seguida, partiu na direção do corpo do garoto e o arrasta até o porão. Lá, ela derruba todas as velas que já estavam acesas e o fogo consome tudo. Menos o corpo do Lucas.

Logo, quando toda a casa já estava tomada pelas chamas, Maya já está a caminho de sua casa. Eu a sigo, mas ela... Bem, ela não sabia.

Depois de se limpar e chorar muito, minha amiga começou a conversar com si mesma e afirmou que aquele seria seu grande segredo. Afinal, ela sabia das implicações legais de seus atos. Quando finalmente se deitou, em seus sonhos, eu a agradeci. Pedi desculpas por tudo e me despedi dela pela última vez. Depois, fui para o branco brilhante que vinha até mim.

INVESTIGADORES LITERÁRIOS

Só após cinco anos, descobri que, depois do incêndio, começaram q nascer rosas brancas por toda a propriedade.



O VELHO CASARÃO NO FINAL DA RUA

Natasha Gabriela Lemos de Deus

Tudo começou quando uma família decidiu se mudar para uma cidadezinha chamada Amityville. Como estava à procura de uma casa, ficaram felizes quando acharam uma bem barata na região central da cidade. Porém, toda a vizinhança tinha muito medo daquele velho casarão. Mas, como a família não via nada de diferente, resolveram que aquele seria o novo lar.

Dias foram se passando até que o garoto Pedro começou a ouvir vozes. No começo, pensou que estava louco e então não deu muita importância. Mas, após alguns dias, algo realmente estranho aconteceu. Enquanto dormia, a porta se abriu sozinha e, novamente, ele ouviu as vozes. Porém, dessa vez, elas estavam cada vez mais próximo até que, de repente, Pedro avistou um garoto ao seu lado com pele muito pálida e o rosto coberto por sangue.

Desesperado, Pedro levantou apressado e correu para contar o fato aos seus pais, Ângela e Marcos. No início, eles pensaram que o garoto só tinha tido um pesadelo. Só que eles não esperavam que outras coisas bizarras começassem a acontecer: móveis se moviam sozinhos, luzes apagavam sem motivo, portas batiam durante a madrugada e, por várias vezes, escutam passos por toda a casa.

Sem saber mais o que fazer, eles resolveram contratar uma mediúnica. Elisa era muito conhecida por ser uma investigadora psíquica. Ao chegar no local, falou que haviam espíritos que não conseguiram receber a salvação e que queriam a família bem longe de lá, pois aquela era a casa deles e ninguém tinha o direito de estar lá.

Elisa ainda contou que havia uma história terrível por trás daquela casa. Há dez anos, uma antiga moradora, Bianca, e seus filhos, Jaqueline e Roberto, estavam dormindo quando o ex-marido de Bianca invadiu a casa e matou os três. Friamente, ele pegou os corpos e os enterrou. Porém, horas depois, corroído pelo remorso, o assassino acabou suicidando. A polícia nunca chegou a encontrar os corpos, mas Elisa desconfiava que eles ainda estavam naquela casa.

A família assustada perguntou o que poderia ser feito e Elisa disse que o primeiro passo era tentar achar os corpos.

INVESTIGADORES LITERÁRIOS

Eles cavaram por todo quintal e, quando finalmente acharam, chamaram a polícia. As autoridades fizeram mais buscas no local e acharam vários outros corpos de pessoas ainda desconhecidas.

A família se mudou e, atualmente, moram em Salvador. Porém, o horripilante caso nunca saiu de suas memórias.

A velha casa nunca mais foi habitada e dizem por aí que várias atividades paranormais ainda acontecem por lá. E assim, Amityville ficou conhecida como a cidade dos terríveis assassinatos e das assustadoras atividades paranormais.



O MISTERIOSO ASSASSINATO DE SEVERO

Marcela Yuria Shitara

Mais uma manhã comum na casa, quando o telefone toca insistentemente. Sherlock ainda fumava seu charuto quando, calmamente, atendeu à ligação.

– Alô? - disse Holmes

– Senhor Holmes? - disse a voz

– Sim, e quem seria?

– Ah, sim! Meu nome é Peter! - disse o moço, com um tom de voz orgulhoso - Sou chefe de Beddgelert, e queria um sua ajuda em um caso!

– Diga-me mais. - pediu Holmes.

– Bom, um homem foi assassinado. Ele fazia parte de um circo itinerante - disse Peter num tom de desgosto - era mágico!

– Interessante; diga-me mais! - pediu Sherlock.

Na manhã seguinte, uma mulher liga para Watson e lhe contou sobre o ocorrido. Marcaram de se encontrar na tal cidade no próximo dia.

Sherlock embarcou no trem e seguiu o caminho para Beddgelert. Quando chegou, foi recebido por um homem baixo, gordo, de olhos e cabelos claros, que julgava ser Peter, o homem com quem ele falara ao telefone. Ele estava acompanhado por uma mulher alta, magra, com cabelos e olhos negros. Aparentavam ter entre 35 a 40 anos.

– Senhor Holmes, - disse um homem baixinho - eu sou Peter, chefe daqui. Nós nos falamos por telefone há dois dias.

– Sim, me lembro bem disso, senhor Peter!

– Ah, ok! - disse desapontado - E essa é a Senhora McGonagall, esposa do falecido.

– Sim. E como ele era?

Antes que a mulher respondesse, um homem baixo (mas não tão baixo quanto Peter) e corpulento veio correndo ao encontro de Sherlock. Era Watson, que parecia estar cansado, a julgar pelas olheiras ao redor dos olhos e sua voz de desenho estridente.

– Senhor Holmes, já faz um tempo! - disse Watson.

– Sim, faz mesmo, Watson. A propósito, esse é Peter. - disse apontando para o homem baixo e gordo - Ele é chefe daqui. E essa é a Senhora McGonagall, esposa do

falecido e dona do circo. Antes de sua chegada, ela estava prestes a começar a nos contar como era seu falecido esposo.

– Claro, claro, claro! Por favor, continue!

– Ele era uma boa pessoa. Talvez, um pouco ambicioso. Mas quem não é, né?

Todos que o conheciam, gostavam muito dele. Pobre Severo!

– E qual foi a causa da morte? – Watson pergunta a Peter.

– Não é da sua conta! – Um homem alto, com cabelos e olhos negros, nariz torto e rosto magro chega gritando. - Eu te disse para não os chamar, tenho tudo sobre controle!

– Calma, xerife! Eu só os chamei para que pudéssemos resolver isso logo!

– Acha que eu não tenha capacidade de resolver um simples assassinato como esse? – disse o afobado xerife.

– Não é isso! Eu só queria que isso fosse resolvido mais depressa poss...

– Tá, tá, tá! Entendi! Então, o xerife não consegue resolver rápido... O amigo não confia em suas habilidades e blá blá blá! - disse se afastando raivosamente.

– Desculpe-me por isso. Esse é o James, xerife da cidade. Ele não costuma ser assim, tão cabeça quente!

– Entendo. - disse Holmes.

– Vamos andando e eu lhe conto o resto no caminho. Alugamos dois quartos para os senhores.

Quando chegou em seu quarto, Sherlock acendeu um charuto e sentou-se na poltrona, de forma a observar todo o quarto. Havia uma cama de casal no meio do aposento. Em cima, um lustre muito antigo, uma escrivaninha do lado esquerdo da sua cama e uma poltrona à sua direita. Do outro lado, uma porta que dava para o banheiro. Alguém bate na porta e interrompe o silêncio.

– Pode entrar, a porta está aberta, Watson.

A porta se abre e Watson pergunta:

– Vamos?

– Sim. - Holmes se levanta da poltrona e se dirige à porta.

A Senhora McGonagall já os esperava do lado de fora. Eles a seguiram. Sherlock estava muito estranho, pareceu que só o seu corpo estava presente. Os três entraram em um carro, que os levou ao local em que Sr. Severo tinha sido morto.

– Essa foi a casa em que o meu marido foi assassinado...

– Essa casa está abandonada há séculos! - interrompeu Peter - Está caindo aos pedaços. Nenhum morador se atreve a entrar nela. Há boatos de que é assombrada, dá para ouvir gritos à noite aqui. E, por isso, ela ficou conhecida - fez uma pausa dramática - como a “Casa dos gritos”!

– Você não acredita mesmo nisso, acredita? - indagou Watson.

– Claro que não são só boatos. Afinal de contas, uma coisa é certa: de vez em quando, ouve-se gritos dessa área.

Madame McGonagall arregalou os seus olhos negros e olhou para a casa assustada. Sherlock também olhava interessado para a casa, como se estivesse analisando o local.

– Bom, - disse homes quebrando o silêncio - vamos entrar?

– Claro, vamos! Senhora, acho melhor não nos acompanhar. - diz Peter.

– Deixe de bobeira! Ele era o meu marido! É claro que eu vou entrar. Nós tínhamos uma promessa!

– Ok, ok! Vamos então!

Ao entrar na casa, confirmaram que aquele lugar parecia não estar habitada há séculos. Contudo, havia pegadas por toda a parte. Eles subiram as escadas e deram de cara com um longo corredor cheio de portas. Peter virou a segunda porta à esquerda. Havia uma pequena poça de sangue. O corpo já havia sido retirado do local, mas dava para ver claramente onde estava, o chão estava mais claro naquela parte. O local estava isolado por fitas. Porém, atrás de onde o corpo estava, havia marcas de pegadas em direção à uma janela. Pelas marcas no chão, o corpo estava com os pés virados para a janela e a cabeça para a porta, o que indica que o assassino o atacou pela frente.

– Qual foi a causa da morte? - indagou Watson.

– Inicialmente, achamos que ele havia morrido sufocado, pelas marcas de mão ao redor do pescoço. Mas, na autópsia, descobrimos que ele foi morto por envenenamento. Sua mão também foi decepada.

Quando a senhora ouviu isso, ela saiu apressada da casa.

– Pela quantidade de sangue, podemos concluir que a mão foi decepada depois da morte. Provavelmente, ele foi estrangulado depois da morte, talvez para aliviar a raiva! – indicou Sherlock.

E ele continuou:

- Está vendo essas pegadas? - apontando para umas pegadas - O assassino era conhecido, ele estava aqui parado quando enforcou Severo! Quem encontrou o corpo?

- Foi Elizabeth. Ela era companheira de circo. Acho que ela é malabarista ou alguma coisa do tipo.

- Watson, será que eu poderia conversar com essa tal de Elizabeth?

- Claro, claro. Bom, então já vou indo.

- O senhor poderia me levar até o legista responsável? - perguntou o homem se dirigindo a Peter.

- É claro que sim. Por aqui, por favor

Quando chegaram ao consultório do legista, o xerife James por lá, aguardando os resultados finais para que pudesse identificar o tipo de veneno usado na morte de Severo. James olhou para Holmes:

- O que ele faz aqui, Peter?

- Ele veio aqui para ver o corpo e o resultado do legista.

- Tá! - disse James num tom de desaprovação enquanto revirava os olhos.

- Peter, como o xerife geralmente é? Quero dizer, por que ele está desse jeito? Suponho que seja o primeiro assassinato que aconteceu nessa cidade. Por ser uma cidade pequena, essas coisas não devem acontecer facilmente. Então, presumo que esse seria o primeiro assassinato que ele estaria investigando. Ou seja, o caso mais importante da vida dele. Por isso que ele não queria a nossa presença aqui?

- Isso mesmo, Sherlock. Esse caso é o mais importante da vida dele; e, provavelmente, será o único assassinato no qual poderá trabalhar na vida!

- Com licença, Sr. Prefeito e Sr. Holmes! - disse um homem, interrompendo a conversa dos dois - Por favor, me sigam para que possam ver o corpo.

Os dois obedeceram e o legista os levou para uma sala escuro e fria, onde estava o corpo de Severo que se encontrava exatamente como Peter descreveu. Exceto por uma marca bem pequena envolta do pescoço, uma marca de cruz. Ele já a tinha visto antes, mas não se lembrava onde.

Sherlock se dirigiu até a porta e saiu. Ao chegar no hall, pôde ouvir um médico informando a James o que tinha sido usado para envenenar Severo. E, por incrível que pareça, Sherlock não estava surpreso. Ele descobriu que teria sido utilizado veneno de

rato, um veneno barato, simples e que se encontra para vender em qualquer lugar. Ao Quando saiu do imóvel, Sherlock se deparou com o Watson.

– Sherlock! Aqui, Sherlock! Eu conversei com a senhorita Elizabeth e ela me disse que tinha encontrado o corpo porque, ao passear pela região, ouviu gritos vindos do interior da casa. Preocupada, ela correu até o casarão e encontrou Severo morto. E, pelo o que eu soube, severo tinha um cofre onde guardava uma grande quantidade de dinheiro. E ela me disse Severo e sua esposa discutiam muito ultimamente. Você não pode achar que ela fez isso acha?

– Não sei, mas eu percebi que, no pescoço da vítima, havia uma marca de cruz, provavelmente de um bracelete; talvez, o bracelete de uma mulher. Eu já vi alguém usando um desses, só não me recordo quem.

– Agora que você falou, quando eu fui ao circo, todos usavam um bracelete com uma cruz... E, no camarim de Elizabeth, senti um cheiro bem forte. Todos estavam com pressa e afirmaram que estavam tendo problemas com ratos no local.

– Watson, precisamos ir lá agora! O veneno que foi usado para matar Severo, era exatamente um veneno de rato!

Os dois se apressaram para pegar o carro e correram em direção ao circo. Porém, quando lá chegaram, não havia mais ninguém: o terreno estava vazio.



A CANÇÃO

Melina de Paulo

Domitila sempre esteve à frente de seu tempo. Enquanto todas as moças desejavam desesperadamente um casamento, ela não se contentava. Queria mais. Desejava mais. Não acreditava que sua vida se resumiria a um casamento sem amor, casa e filhos; não queria repetir a vida de sua mãe. Seu pai, sempre tão autoritário e ansioso por um genro, se mostrava a cada dia mais impaciente com as constantes recusas de sua filha. “O que ela quer?”, ele pensava. Não bastava o desgosto de sua mulher não ter lhe dado um filho. Ela o tinha dado Domitila, o reflexo de tudo aquilo o que ele abominava.

Enquanto isso, longe dali, Raul era tudo o que uma mãe gostaria de ter. Bom filho, bom homem. Era, de longe, o solteiro mais cobiçado da região. Cuidava de sua mãe com o mesmo esmero de seu pai (falecido no sexto aniversário de seu único e amado filho). Cuidava da terra, embora fosse um amante das palavras. Achava que, para ser o escritor que tanto desejava, era preciso viver. Queria percorrer os caminhos do mundo e ver toda a beleza que conhecia dos livros. Queria conhecer pessoas, descobrir sabores, colecionar histórias... Somente depois de tudo isso poderia colocar no papel tudo aquilo que ele trazia no coração. Mas pensava em sua mãe. Não dava um passo sem antes conversar com ela. Como deixá-la?

Ele não precisou mais se decidir. Acabara de desatar a última amarra que o prendia ali quando sua querida mãe, vítima de um brusco acidente, faleceu. Não pensou duas vezes: após o sepultamento, juntou seus poucos pertences e simplesmente saiu. Não tinha ideia para onde iria, só não queria ficar mais ali.

Pegou caronas, passou frio, sentiu medo... Era a primeira vez que se via assim, completamente sozinho. Sorriu, chorou, viveu. Vislumbrou paisagens jamais imaginadas. Entretanto, em seu caminho tortuoso, a vida estava longe de ser aquilo que ele desejava. Seria a hora de desistir e voltar para casa?

Raul não sabia o que fazer. Sua mãe, com certeza, saberia.

Porém, quando seus pensamentos trilhavam esse caminho, ele não se permitia. Era inconcebível imaginar que tudo terminaria ali. A sua fome de aventuras era maior

do que qualquer outro sentimento. Ele sabia que, quando chegasse o momento certo, o barulho que inquietava sua alma cessaria. E esse momento não demoraria.

Logo ali, quando seus sonhos se tornavam cinza, Raul conheceu um anjo. Com seus cabelos negros e seus olhos repletos de bondade, Domitila era a personificação da perfeição. Sua dualidade o encantava. Era extraordinário notar como podia ser tão imponente e frágil ao mesmo tempo. Tão delicada e romântica, tinha opiniões fortes e encarava a vida de uma forma franca. Raul se encantava com todos os seus detalhes.

Domitila também estava fascinada por Raul. Todos os lugares se iluminavam quando ele estava presente. Era um aventureiro, um caçador de sonhos. Porém, de alguma forma estranha, Raul transmitia segurança. Domitila sabia que podia confiar nele. Ela percebeu que estava ali, em sua frente, todo o amor que sempre imaginou que teria. O pesadelo de seu pai chegava ao fim: Raul era o seu escolhido.

Namoraram por pouco tempo; a data do casamento foi logo marcada. Tinham urgência. Ela queria ser toda dele e ele queria ser todo dela. Esperavam ansiosamente por aquele que seria o dia mais feliz de suas vidas.

Na véspera do tão esperado dia, Raul resolveu surpreender sua amada: organizaria um piquenique. Capricharia nos detalhes; seria como um daqueles que marcaram a sua infância. Havia um bosque próximo com uma bonita vista de toda a cidade. Comprou um bom vinho, alguns petiscos, flores... Estava ansioso. Seria uma linda tarde de amor.

Ao sair à sua procura, Raul ficou perplexo ao ver sua amada conversando intimamente com um rapaz. Nunca o tinha visto. Escondido, observava os dois com atenção. Como ela poderia fazer isso com ele? Em certo momento, Raul pareceu ter visto um beijo entre os dois. Não se conteve. Com os olhos cheios de cólera, Raul pegou seu canivete, fiel companheiro de antigas batalhas, e saiu em direção aos dois. Aos berros, perguntou o que estava acontecendo. Mas não conseguia ouvir. Raul havia se transformado e Domitila não conseguia reconhecê-lo. Enquanto o rapaz corria por ajuda, Raul continuava a esbravejar com Domitila que, assustada, tentava se explicar. Ele não permitia.

Quando voltou a si, Raul viu que Domitila estava morta. Com seu canivete e suas mãos cheias de sangue, ele não podia acreditar no que tinha feito. Ainda sem raciocinar direito, Raul correu em direção ao rio que passava próximo dali com o corpo de sua

amada em seus braços. Tudo aquilo que sonhara terminava ali. Seu castelo de amor desaparecia no infinito.

Num gesto desesperado, Raul enterrou ali a sua amada. Depositou todo o seu sonho junto a ela, todo o mundo cor de rosa que criara para os dois e que fora condenado pelo seu gesto impensado. Acreditava que assim também enterraria a culpa que corroía a alma e acabava com o seu ser.

E finalmente, com a dor cravada em seu peito, teve inspiração para preencher as linhas que tanto desejava. Raul confessou seus pecados em uma canção. Seria aquele um hino à Domitila. Não poderia permitir que a sua culpa também fosse enterrada ali. A sua condenação eterna estava naqueles versos.

À beira do Pantanal

Foi lá na beira do Pantanal / Seu corpo tão belo enterrei / Foi lá que eu matei minha amada / Sua voz na lembrança eu guardei: / "Por que, meu querido / Por que, meu amor / Cravaste em mim teu punhal? / Meu peito tão jovem sangrando assim / Por que esse golpe mortal?"

Assassinei quem amava / Num gesto sagrado de amor / O sangue que dela jorrava / A sede da terra acalmou / E lá onde jaz o seu corpo / Cresceu junto com o capim / Seus lindos cabelos negros que eu / Regava como um jardim

A lei dos homens me condenou: / Perpétua será tua prisão / Porque foi eu mesmo quem calou / Com aço aquele coração

E eu preso aqui nessa cela / Deixando minha vida passar / Ainda escuto a voz dela / No vento que vem perguntar: / "Por que, meu querido / Por que, meu amor / Cravaste em mim teu punhal? / Meu peito tão jovem sangrando assim / Por que esse golpe mortal? / Cravaste em mim teu punhal / Por que esse golpe mortal?"

(Raul Seixas e Cláudio Roberto, *À beira do Pantanal*. Abre-te Sésamo. Discos CBS, 1980)



*"All that we see or seem
is but a dream within a dream."*
Edgar Allan Poe